

SIMPÓSIO AT030

O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO NA CANÇÃO PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES – MÚSICA QUE CANTA O BRASIL – UM ESTUDO SEMIÓTICO

SOUZA, Emili Coimbra
UPF/UNIUV
prof.emili@uniuv.edu.br

Resumo: O sentido de um texto não se constrói a partir de uma simples leitura. É necessário que o sujeito aprenda a decifrar os enigmas do texto através das marcas linguísticas nele inseridas. Assim, o presente artigo tem por objetivo analisar, à luz da teoria semiótica greimasiana, o percurso gerativo de sentido, mais especificamente o nível discursivo, na canção “Pra não dizer que não falei das flores”, letra de música produzida durante a ditadura militar, observando as figuras escolhidas pelo enunciador, assim como os temas que elas recobrem. Para a realização da análise tem-se como suporte o referencial teórico de Barros (2003, 2007) e Fiorin (2016). Quanto à metodologia adotada, este artigo caracteriza-se como de natureza aplicada e de cunho qualitativo, de base bibliográfica. Após a análise da canção, concluiu-se que a semiótica é um caminho possível a ser utilizado para que se desenvolvam as habilidades de leitura de qualquer forma textual, oferecendo-se uma possibilidade no estudo do texto, a partir do estudo do Percurso Gerativo de Sentido.

Palavras-chave: Análise de Música; Teoria Semiótica Greimasiana; Nível discursivo; Geraldo Vandré

Abstract: The meaning of a text is not constructed from a simple reading. It is necessary that the subject learn how to understand the enigmas of the text through the linguistic marks inserted in it. Thus, the present article aims to analyze, in the light of the Greimasian semiotic theory, the generative path of meaning, more specifically the discursive level, in the song "Pra não dizer que não falei das flores", produced during the military dictatorship in Brazil, observing the images chosen by the enunciator, as well as the themes that they cover. For the accomplishment of the analysis, it was used as a support the theoretical reference of Barros (2003, 2007) and Fiorin (2016). Regarding the methodology adopted, this article is characterized as an applied nature, with qualitative and bibliographical basis. After the analysis of the song, it was concluded that semiotics is a possible theoretical way to be used to develop reading skills in any textual genre, offering a possibility in the study of the text, from the study of the Gerative meaning.

Keywords: Song Analysis; Greimasian Semiotic Theory; Geraldo Vandré

Introdução

O aprendizado da leitura e da interpretação de textos é desafio no processo ensino e aprendizagem nos estabelecimentos educacionais brasileiros. Muitos alunos frequentam a escola durante anos e, ao final do ensino básico, ainda apresentam dificuldades na compreensão de textos. Nesse sentido, como docentes, é preciso buscarmos mecanismos – e bases teóricas – que auxiliem no processo de compreensão e abstração de sentidos acerca do que se lê.

Partindo-se dessa realidade, procuramos mostrar a música como uma possibilidade para o desenvolvimento de competências leitoras. Para tanto, à luz da teoria semiótica greimasiana, realizamos a análise do percurso gerativo de sentido da letra da canção “Pra não dizer que não falei das flores”, observando, principalmente, as figuras escolhidas pelo enunciador e os temas que elas recobrem em relação ao momento sócio-histórico em que foi produzida.

Para que se atinja o objetivo pretendido, este estudo encontra suporte teórico na Semiótica Discursiva, desenvolvida por Greimas (semiótica greimasiana), já que todo processo de comunicação, entre eles os de leitura e interpretação, ocorre por meio de signos, e está, portanto, a semiótica presente em todos os tipos de linguagens como notícias, telenovelas, movimentos sociais, músicas, poemas, telejornais, etc. (verbal, imagética, cinematográfica, etc), possibilitando interpretações por cada receptor.

Em termos de questões metodológicas, este artigo caracteriza-se como de natureza aplicada e de cunho qualitativo, de base bibliográfica. O corpus de análise é a canção “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, e a análise – sob o viés da semiótica greimasiana – será realizada com foco, principalmente, nos estudos de Barros (2003, 2007) e Fiorin (2016).

1. A semiótica e a construção de sentido

A semiótica greimasiana “[...] procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. (BARROS, 2007, p.07), ou seja, procura explicar os mecanismos que constroem o sentido dos textos. Concebe o texto como um objeto de comunicação entre sujeitos e como objeto sócio-histórico, uma vez que refrata e reflete uma realidade.

Para que haja um texto, é necessário que aconteça a união de um plano de conteúdo com um plano de expressão. Por exemplo, para passar uma determinada mensagem (o conteúdo), deve-se escolher um plano de expressão (verbal, não verbal ou sincrético) para que ela se estabeleça: uma carta, um poema, um bilhete, uma música, etc. Assim, um texto pode ser tanto “[...] linguístico, indiferentemente oral ou escrito, quanto visual, olfativo ou gestual, ou, ainda, um texto em que se sincretizam diferentes expressões como nos quadrinhos, nos filmes ou nas canções populares.” (BARROS, 2003, p.188)

O plano do conteúdo é lido através do percurso gerativo de sentido. “O percurso gerativo é um modelo que simula a produção e a interpretação do significado, do conteúdo.” (FIORIN, 2016, p.44), e divide-se em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

2. O percurso gerativo de sentido – seus níveis

O percurso gerativo de sentido que é “[...] uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo” (FIORIN, 2016, p.20).

O nível fundamental é caracterizado como o mais simples e abstrato. Neste nível se estabelecem os valores assumidos por um sujeito e, posteriormente, discursivizados. Abriga as estruturas elementares da significação que, grosso modo, se constituem por dois termos opostos de uma mesma categoria semântica, como amor *versus* ódio, vida *versus* morte, etc.

O nível narrativo é a instância da atualização dos valores que são assumidos por um sujeito. Em outras palavras, esse nível demonstra as

relações que se estabelecem entre sujeitos e valores e as disputas entre sujeitos na busca pelos valores. Para a semiótica, todo texto tem implicada em si a narratividade, que significa a mudança – mesmo que no nível do desejo - de um estado de privação em relação ao valor desejado ao um estado de posse desse valor. Por isso se diz que este nível estuda os estados e as transformações operadas pelos sujeitos. Existem quatro fases do nível narrativo: a **manipulação** que consiste no querer-fazer ou dever-fazer algo; a **competência**, entendida como o poder-fazer algo; a **performance**, ligada ao realizar algo e, por fim, a **sanção**, relacionada ao julgamento positivo ou negativo acerca da ação desenvolvida pelos sujeitos. Assim, as estruturas narrativas representam “[...] tanto a história do homem em busca de valores ou à procura de sentido quanto a dos contratos e dos conflitos que marcam os relacionamentos humanos” (BARROS, 2007, p.16).

Por fim, temos o nível discursivo, quando a narrativa é discursivizada, enriquecida temática e figurativamente pelas escolhas do sujeito da enunciação. De acordo com Barros (2007, p.15) “[...] as estruturas discursivas devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado”.

Todo texto se configura por desenvolver um tema, porém o discurso acerca deste tema pode ser em maior ou menor grau recoberto por figuras. Entretanto, as figuras e os temas estão interligados e devem sempre ser analisados em conjunto. Figuras são termos concretos que remetem a algo presente no mundo real. Temas são categorias abstratas que ordenam o que está nele (FIORIN, 2016).

Como explica Barros, “[...] a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso denominam-se isotopia. A isotopia assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica.” (BARROS, 2007, p.71). Assim, o contato com um texto possibilita ao leitor embrenhar-se num percurso figurativo de sentido que estabelece uma relação semiótica entre o ser humano e tudo mais o que está a sua volta, minimizando

as diferenças e considerando-o como parte integrante do mundo, como leitor competente e crítico.

3. Letra e análise do nível discursivo da canção “Pra não dizer que não falei das flores” – Geraldo Vandré

Caminhando e cantando e seguindo a canção	grandes plantações	armas na mão	seguinto a canção
Somos todos iguais braços dados ou não	Pelas ruas marchando	Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição	Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções	indecisos cordões	De morrer pela pátria e viver sem razão	Os amores na mente, as flores no chão
Caminhando e cantando e seguindo a canção	Ainda fazem da flor seu mais forte refrão	Vem, vamos embora, que esperar não é saber	A certeza na frente, a história na mão
Vem, vamos embora, que esperar não é saber	E acreditam nas flores vencendo o canhão	Quem sabe faz a hora, não espera	Caminhando e cantando e seguindo a canção
Quem sabe faz a hora, não espera	Vem, vamos embora, que esperar não é saber	acontecer	Aprendendo e ensinando uma nova lição
acontecer	Quem sabe faz a hora, não espera	Nas escolas, nas ruas, campos, construções	Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Pelos campos há fome em	Há soldados armados, amados ou não	Somos todos soldados, armados ou não	Quem sabe faz a hora, não espera
	Quase todos perdidos de	Caminhando e cantando e	acontecer

Essa canção, escrita e interpretada por Geraldo Vandré em 1968, é predominantemente figurativa e trata de um tema histórico: resistência do

movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar brasileira, regime instaurado em 1º de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985. “Pra não dizer que não falei de flores”, também conhecida por “Caminhando”, foi a vice-campeã do 2º Festival Internacional da Canção e foi considerada um hino contra a ditadura por ser uma afronta direta ao governo militar. Lembramos, com Barros (2007, p.12), que “[...] o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. [...] o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido”.

Nesse contexto, partimos para a observação do nível discursivo da letra da música. É no nível discursivo que as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de temas e figuras, que lhes dão concretude. É nesse nível que se instauram também as pessoas do discurso (eu/tu x ele) e as escolhas enunciativas que produzem efeitos de sentido.

Na letra da canção se evidencia a utilização da 1ª pessoa do plural (*Caminhando e cantando e seguindo a canção Somos todos iguais braços dados ou não*), assumindo uma voz “compartilhada” com o povo brasileiro. Tal uso não se constitui uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo que representa a força da união. O uso do imperativo no refrão da canção (*Vem, vamos embora, que esperar não é saber*) demonstra o caráter argumentativo e persuasivo do texto, concretizando a tese do compositor: convocação do “tu” à reação. As escolhas lexicais colaboram para esse caráter argumentativo, denotando que a reação é uma ação positiva: *canção, todos iguais, braços dados, amores, flores, certeza, história, aprendendo, ensinando*.

Pode-se observar também que no verso “*caminhando e cantando e seguindo a canção*”, a opção pelo gerúndio imprime o aspecto inacabado, que não pode deixar de acontecer, enriquecido com a soma de ações marcadas pela conjunção aditiva “e” ligando as orações.

A imagem dos primeiros versos, de pessoas “*Caminhando e cantando / E seguindo a canção*”, parece ecoar uma experiência típica daqueles anos: a

das passeatas de protesto. Entretanto, a estrofe conjuga espaços diferentes, vistos como lugares de trabalho (inclusive os “campos”, pela relação com “construções”) ou, em todo caso, vida e trânsito cotidianos: “*Nas escolas, nas ruas / Campos, construções*”. A “marcha” que se entrevê aí é, portanto, muito maior: um tipo, naturalmente, de “marcha histórica”, traduzível ou não por “revolucionária”. Na “marcha” os cidadãos são “*todos iguais*”, mesmo não existindo relação direta entre eles – “*braços dados ou não*”, pois mesmo “pertencentes” a espaços distintos, são todos brasileiros (ideia de construção identitária).

Quanto “a canção” referida não é outra senão a que se canta, como a convocação logo ao início do refrão (“*Vem, vamos embora*”) explicita ainda mais: “*Vem*” é um chamado para se seguir a canção, num sentido que não é apenas o de cantá-la, mas também de “*fazer a hora*”. Ou seja, “seguir” é mais que “*cantar*”: é fazer, é protestar pelo direito a liberdade. Por outro lado, o que se deve seguir é justamente a canção. Há aí, como se vê, um engajamento existencial que os versos desde o início tomam.

Seguem-se ao refrão duas imagens díspares: a da fome “*Em grandes plantações*” e a dos “*indecisos cordões*” marchando nas ruas, e que “*Ainda fazem da flor / Seu mais forte refrão / E acreditam nas flores / Vencendo o canhão*”. A princípio, o que vincula as imagens é o contraste moral entre a fome de uns e a indecisão de outros, ou seja, uma referência aos pacifistas que pretendiam resolver a crise política com diplomacia e comum acordo.

Há também, no entanto, a relação semântica entre “*flor*” e “*campo*”, talvez alheia à intencionalidade autoral e que a princípio apenas reforça aquele contraste: enquanto nas cidades uns se valem de flores contra os canhões, no campo – lugar por excelência das flores – outros sofrem alheios a elas.

Nos versos “*soldados armados / Amados ou não / Quase todos perdidos / De armas na mão*”, e aos quais se ensina a “*antiga lição / De morrer pela pátria / E viver sem razão*”, o “*canhão*” da estrofe anterior já havia aludido ao contexto da ditadura militar, mas o conteúdo, agora, é um pouco diferente: embora as forças militares simbolizassem a perda da liberdade, nota-se, aqui,

que não há uma desumanização dos soldados, mas sim lembra que os soldados usavam da violência mas não sabiam o porquê, apenas cumpriam ordens, pois sofriam a “*antiga lição/De morrer pela pátria e viver sem razão*”.

Nos últimos versos elementos anteriores são retomados sob a perspectiva de uma injunção ética e actancial aparentemente mais clara: ainda “*Caminhando e cantando / E seguindo a canção*”, agora “*Somos todos soldados / Armados ou não*”, convocados a seguir com “*Os amores na mente / As flores no chão / A certeza na frente / A História na mão/Caminhando e cantando e seguindo a canção/Aprendendo e ensinando uma nova lição*”. Estes versos reforçam a mensagem de igualdade entre todos os cidadãos e a necessidade de partirem juntos para a luta, porque só através do movimento organizado poderia chegar a reconquista da liberdade – valor desejado.

Nestes versos também se percebe que as pessoas deviam avançar com os “*amores em mente*”, pensando nas pessoas que amavam e foram vítimas da repressão militar. Para serem vitoriosos era necessário deixarem “*as flores no chão*”, ou seja, abandonarem as abordagens pacifistas. Estava na suas mãos “*a história*”, a possibilidade de mudar a realidade do país e o futuro para todos os brasileiros. Deveriam continuar “*caminhando e cantando*” e “*aprendendo e ensinando uma nova lição*”, transmitindo o seu conhecimento, despertando a consciência de outras pessoas para persistirem na busca de sua liberdade, retorno ao estado inicial da população anterior a este período.

Na canção, portanto, encontram-se aspectos estéticos para representar uma ideologia, pois “*Caminhando*” é justamente o verbo “*esperar*”, associado a não saber, mas crer, representando o sentimento de premência histórica, num contexto de tensões político-sociais. Afinal, caminhando e cantando para onde? Para o futuro, para a revolução?, o que demonstra apelo à construção conjunta de uma nova realidade.

No nível narrativo, a letra da música demonstra um sujeito que está privado dos valores em que acredita/defende e deseja uma transformação em relação a isso, para o que conclama seus semelhantes à ação. Ele sozinho não tem o poder-fazer, precisa dos demais para operar a transformação desejada.

O nível fundamental se configura, então, como constituído pelos termos ditadura versus democracia, relacionados esses à opressão versus liberdade.

4. Considerações Finais

A análise ora empreendida mostra, então, a relação entre os elementos explícitos na superfície do texto com níveis mais abstratos de construção de sentidos, assim como entre estes e o contexto sócio-histórico em que o texto se manifesta. A observação dos aspectos temático-figurativos e da relação estabelecida com o meio social evidencia os valores do momento histórico onde tal música está situada e colabora para o entendimento do que vivia a sociedade brasileira daquela época.

Isso posto, entendemos que a abordagem textual guiada por tais preceitos pode ser bastante significativa para melhorar a competência leitora em termos de compreensão e abstração de sentidos e de análise crítica dos sujeitos-leitores.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.